



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GISELA OLIVEIRA DA SILVA

**LEVANTAMENTO DO REBANHO OVINO NA REGIÃO DA CAMPANHA
- UMA ANÁLISE DESCRITIVA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Zootecnia
Dom Pedrito

2010

GISELA OLIVEIRA DA SILVA

**LEVANTAMENTO DO REBANHO OVINO NA REGIÃO DA
CAMPANHA – UMA ANÁLISE DESCRITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Zootecnia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Zootecnia.

Orientador: Dra. Gladis Ferreira Corrêa
Co-orientador: Dr Julio Rohenkhol

GISELA OLIVEIRA DA SILVA

**LEVANTAMENTO DO REBANHO OVINO
NA REGIÃO DA CAMPANHA – UMA ANÁLISE DESCRITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Zootecnia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Zootecnia.

Área de Concentração: Ciências Agrárias

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em: 15/12/2010
Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Gladis Ferreira Corrêa
Orientador
Campus Dom Pedrito – UNIPAMPA

Prof^o Dr. Julio Eduardo Rohenkohl
Co-orientador
Dep. Ciências Econômicas – UFSM

Prof^o Dra. Tanice Andreatta
Campus Dom Pedrito - UNIPAMPA

“Não confunda derrotas com fracasso nem vitórias com sucesso.

Na vida de um campeão sempre haverá algumas derrotas,
assim como na vida de um perdedor sempre haverá vitórias.
A diferença é que, enquanto os campeões crescem nas derrotas,
os perdedores se acomodam nas vitórias.”

[Roberto Shinyashiki](#)

AGRADECIMENTO

A Deus pela vida, proteção e força para a realização desse sonho.

Aos meus pais e irmãos, os quais sempre me incentivaram em continuar, dando-me suporte e sendo um porto seguro para os momentos difíceis.

Aos meus filhos, Fernanda e Joaquim, por ser a fonte de toda a realização dessa conquista.

Em especial a minha professora e orientadora, Gladis Ferreira Corrêa, por todo incentivo dado no início de toda essa caminhada, mostrando que era possível a realização deste sonho com dedicação e carinho.

Ao meu co-orientador Prof^o Dr. Julio Eduardo Rohenkohl, pelos ensinamentos e orientações.

Aos meus colegas e amigos Auriane, Thiago (gordo), Tiago Couto por todo apoio, carinho e amizade.

Agradeço a todos que de alguma forma ou outra me incentivaram ou mesmo mostraram caminhos adversos, dando mais certeza da conquista para hoje poder agradecer e disser que deu certo, um sonho sendo realizado e concretizado.

RESUMO

A ovinocultura foi, sem dúvida, a primeira exploração animal realizada pelo homem no início da civilização. Está presente em quase todos os estados do Brasil e, em 1990, contava com um efetivo de 20 milhões de cabeças. Atualmente o rebanho conta com 16.812.105 animais. A diminuição expressiva do rebanho, segundo produtores e técnicos ligados ao setor, se deve ao baixo nível de formação gerencial, de base tecnológica e de remuneração percebida pelo produtor, além da falta de aproximação entre ovinocultores e indústria e da concentração de abates em um único período do ano, manejo alimentar e sanitário ineficientes. O objetivo do trabalho foi de caracterizar a evolução do rebanho ovino nos municípios que compreendem a Campanha Gaúcha, de 1991 a 2010 e identificar os possíveis fatores que interferiram na sua evolução, enfocando principalmente o município de Dom Pedrito. O município está entre os 10 principais municípios criadores de ovinos do país, segundo o IBGE. Neste trabalho foram utilizados os dados do Relatório de Produção da Pecuária Municipal de 2008 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria do Estado da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio - RS (SEAPPA), até o ano de 2010. Foram observadas grandes oscilações, principalmente na última década, onde os efetivos do rebanho diminuíram consideravelmente ficando identificado que os dados do IBGE e da SEAPPA, apresentam uma variação significativa, dependente da metodologia de coleta. Foi observado que a captação de dados que indica uma situação mais realista do rebanho ovino da Região da Campanha, provenientes da SEAPPA, podem auxiliar o desenvolvimento de estudos que fomentem o setor e o produtor rural, levando a identificação de novas opções e estratégias como um eixo orientador na indução de um desenvolvimento local com a geração de produtividade, mão de obra qualificada e renda para a região.

Palavras chave: Censo Populacional – Campanha Gaúcha – Ovinocultura

ABSTRACT

Sheep raising was certainly the first animal exploitation made by humankind in the beginning of civilization. This activity is present in almost all states of Brazil and, in 1990 had an effective herd of 20 million animals. Nowadays this herd counts with approximately 17 million animals. This expressive decrease of the herd, accordingly to farmers and technicians of the sector, is due to the low technical management supervisory basis and the low remuneration received by the farmer, besides the absence of contact among sheep raisers and industry in a single yearly period of slaughtering, feeding management and sanitary insufficiencies. The objective was to characterize the sheep herd evolution in the counties (Campanha Gaúcha Region) up to the year 1991 of 2010 and identify the possible factors that interfered in the sheep herd evolution, with emphasis in the county of Don Pedrito. The county ranks among the 10 greatest sheep raisers of Brazil, according to IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics). In this study data used were taken from the Record of County Animal Production of 2008 of IBGE and from the State Secretary of Agriculture, Fishery and Animal Production and Agro-business of RS (Rio Grande do Sul State)(SEAPPA) until the year of 2010. Great oscillations were observed, mainly in the last decade, where the herd effectives decreased considerably and it was identified that the records (data) of IBGE and SEAPPA showed significant variation, depending of the collection methodology. It was observed that the data collection which indicates a more realistic situation of sheep herd of the Campanha Region is that originating from SEAPPA, which can subsidize the development of studies that be useful to the sector and farmers, leading to the identification of new options and strategies like a guiding line in the induction of local development, with generation of productivity, qualified personnel and economic income for the region.

Key Words: Population census, Campanha Gaúcha, Sheep raising

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Evolução do rebanho ovino no Brasil de 1974 a 2009.....	14
FIGURA 2	Evolução do rebanho ovino nas Regiões Geográficas do Brasil de 1974 à 2009.....	16
FIGURA 3	Evolução da produção (T), importação (T) e valor da importação (mil US\$) da carne ovina de 1988 a 2008.....	17
FIGURA 4	Mapa da Região Sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul.....	18
FIGURA 5	Efetivo do rebanho ovino nas Regiões Brasileiras – 2008 e 2009...	22
FIGURA 6	Efetivo do rebanho ovino no Rio Grande do Sul de 1991 à 2009.....	25
FIGURA 7	Evolução do Rebanho Ovino no Município de Dom Pedrito – 1953 a 2010.....	27
FIGURA 8	Diagrama de SWOT.....	30
FIGURA 9	Análise de SWOT.....	30

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Municípios com maior rebanho ovino no RS em 2009.....	19
TABELA 2	Vinte municípios com o maior efetivo ovino no Brasil em 2008....	24
TABELA 3	Efetivo do rebanho ovino nos municípios da Campanha Gaúcha, de 1998 – 2010.....	26

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	DESENVOLVIMENTO.....	14
2.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
2.2	OBJETIVOS.....	20
2.3.	MATERIAL E MÉTODOS.....	21
2.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Os ovinos foram uma das primeiras espécies de animais domesticadas pelo homem. A sua criação possibilitava alimento, principalmente pelo consumo da carne e do leite, e proteção, pelo uso da lã, fibra que servia como abrigo contra as intempéries do ambiente (VIANA, 2008).

Em todo o mundo, há a consciência de que hoje em dia o futuro da atividade ovina sustentável está em ambas às produções: cordeiros e lãs. A Nova Zelândia, apesar da grande pressão exercida pelo setor leiteiro e de silvicultura sobre a terra disponível, segue liderando as exportações de cordeiros no mundo e, além disso, tem um consumo interno de 23,3 quilos por habitante/ano. No Uruguai, mais próximo a nossa realidade, o preço do cordeiro teve um aumento de 108% comparando 2010 ao ano de 2009. Também na Argentina, os preços oferecidos pelos frigoríficos de Buenos Aires, subiram em uma proporção parecida e vários foram habilitados recentemente para exportar aos países muçulmanos, inclusive com abate "halal"¹. Atualmente, o Uruguai é que vende ao Brasil, mas o potencial de exportação de cordeiros e de carne ovina é limitado (ARCO, 2010).

O rebanho ovino uruguaio tem se mantido estabilizado em torno de 10 milhões de cabeças, com variações anuais decorrentes das alterações climáticas. E está passando por uma transformação: um aumento na aptidão para a produção de carne.

Já a ovinocultura brasileira conta com um rebanho ovino, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009), de 16.812.105 cabeças. Considerando que a ovinocultura é uma atividade de excelente fonte de renda para os pequenos e médios produtores rurais e de fundamental importância para a economia local de todas as regiões do país, esta população considerável evidencia a ovinocultura no agronegócio, mas a desestruturação da cadeia produtiva ressalta a necessidade da inserção e incentivo à entrada de novas alternativas. Esta atividade

¹ Abate Halal - Este tipo de abate deve ser feito o mais rápido possível para que o animal tenha uma morte rápida. Há provas científicas de que, com a degola do sistema Halal, o animal tem a interrupção sanguínea ao cérebro, que causa morte instantânea, não dando chance de liberação de toxinas que contaminam a carne. Com a saída quase completa do sangue também garante, que se o animal estiver com alguma moléstia as chances do ser humano ser contaminado será menor. Esse ritual de sacrifício deve ser feito com ética. Ao evocar o nome de Deus, se crê que estarão agradecendo pelo alimento que Este enviou, pedimos perdão, pois não se mata um animal por sadismo e nem por prazer, e sim para garantir o sustento alimentar ao ser humano.

pode ser considerada uma opção atrativa, produtiva e promissora em função de vários fatores, dentre eles, destaca-se a crescente demanda dos consumidores por produtos cárneos e a possibilidade de obtenção de vários subprodutos ainda pouco divulgados, como queijo, leite e iogurte.

A queda de quase 4 milhões de cabeças, nos últimos 20 anos, na produção de ovinos no Brasil ainda está vinculada à grave crise no mercado internacional da lã durante as décadas de 1980 e 1990, devido ao início da comercialização de tecidos sintéticos no mercado. O alto estoque australiano de lã contraído no período de crise se tornou um fator preponderante para a queda da produção de lã evidenciada na maioria dos países produtores da fibra (VIANA, 2008).

A partir do contexto atual, torna-se importante conhecer a evolução da ovinocultura, o que permitirá a identificação das oportunidades e ameaças do setor, e a sugestão de possíveis caminhos que possam solucionar os conflitos entre os diversos elos da cadeia produtiva.

Para estimular os processos locais de desenvolvimento é preciso ter em mente que se deve permitir: a conexão dos elos da cadeia produtiva com os mercados; a sustentabilidade por meio de um padrão de organização que se mantenha ao longo do tempo; a promoção da distribuição de riquezas num ambiente de inclusão de micro e pequenos negócios; a elevação do capital social por meio da promoção de cooperação entre os envolvidos e a oportunização do espaço de negociação dos produtores locais com os demais interessados na ovinocultura do Estado e do Brasil.

Em 2009, o mercado do cordeiro fechou em valores positivos com relação aos preços praticados e a quantidade de animais abatidos, o que manteve o mercado aquecido e o consumo formal no patamar das 14 mil toneladas, apesar da queda no volume das importações. Com isso, o ano de 2009 foi encerrado com o preço nominal do cordeiro atingindo o valor de R\$ 7,11 reais/kg vivo na região centro oeste do País, permitindo que no período 2001-2009 houvesse um crescimento superior a 100% nas cotações de carne ovina.

Com um valor médio no primeiro semestre de 2010 de R\$ 7,64, o cordeiro nacional ganha força para competir com praticamente todos os produtos relevantes importados do Uruguai, considerando que o preço sempre foi um ponto que favoreceu a carne ovina estrangeira, uma vez que o produto importado conta de

carne de animais, na sua maioria de descarte e, de baixo valor no mercado internacional.

A evolução da cadeia brasileira da carne ovina torna-se cada vez mais evidente, e a superação anual dos preços, aliada à elevação do consumo per capita é notória, mantendo o setor aquecido, em constante crescimento e com uma tendência altamente positiva a longo prazo, permitindo, com isso, a consolidação e o desenvolvimento da ovinocultura comercial em todo o país.

Isto pode ser observado com a publicação de Ucha (2010), que descreve que a carne de ovinos vem ganhando gradativo espaço na mesa do consumidor gaúcho. Este autor cita que dirigentes do Hipermercado Big e Supermercado Nacional, que há alguns anos vêm abrindo mais espaços para a sua comercialização da carne ovina e, no ano passado, colheram seus melhores frutos: a rede registrou 21% de aumento nas vendas, sobre o ano anterior. Comenta ainda que os cortes preferidos são a costela e a paleta, tradicionais no Rio Grande do Sul, mas há clientes mesmo para o sofisticado carré francês, o filé mignon e a picanha de cordeiro. Entretanto, o que falta para que esta cadeia cresça ainda mais é o marketing para o desenvolvimento de novos mercados.

Isto já é observado em países como Austrália e Nova Zelândia, que apesar de terem seu rebanho em franco decréscimo, pois buscam uma nova reestruturação de seu mercado, possuem uma cadeia estruturada de produtos provenientes de caprinos e ovinos que destinam uma verba fixa e permanente da própria receita gerada pelo produto para campanhas de marketing e desenvolvimento de novos mercados. Estes grandes produtores acreditam que o consumidor precisa saber das características nutricionais vantajosas da carne de ovinos e caprinos e campanhas podem trazer resultados significantes para a estruturação da cadeia produtiva nacional mundial.

Considerando a queda do rebanho nacional e a valorização da carne ovina a nível mundial e a potencialidade de produção da região sudoeste do Rio Grande do Sul, este trabalho tem como objetivo realizar um levantamento do rebanho ovino na Região da Campanha Gaúcha, a partir de informações coletadas das principais agências de estatísticas geográficas do Brasil e do Rio Grande do Sul, IBGE e SEAPPA (Secretaria do Estado da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio - RS), na busca de traçar um perfil mais real da situação da ovinocultura desta região.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A ovinocultura brasileira conta com um rebanho ovino, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2009), de 16.812.105 cabeças, que chegou aos 20 milhões de cabeças no início dos anos 90, como mostra a figura 1. Aparecendo no panorama mundial, como 15º produtor em número de cabeças, representando, aproximadamente, 1,7% do efetivo mundial.

Segundo Viana (2008), a queda do rebanho em meados da década de 1990, corresponde ao decréscimo acentuado do número de animais do Rio Grande do Sul, principal estado produtor, afetado pela crise internacional da lã e pelo aumento da área cultivada com grãos.

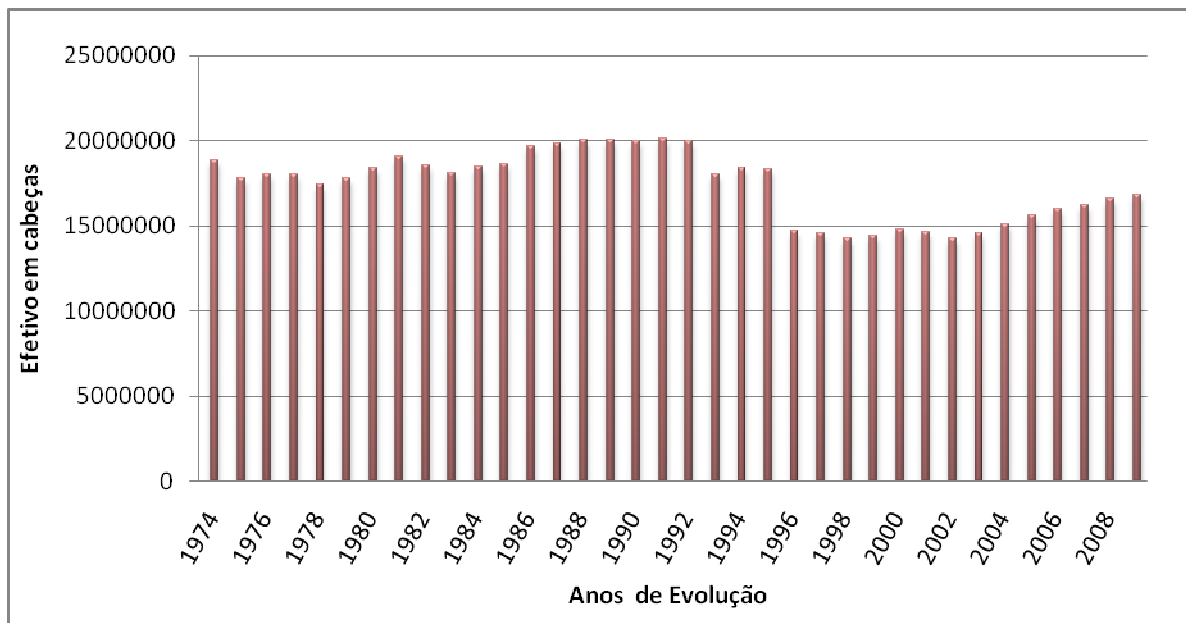


FIGURA 1 – Evolução do rebanho ovino no Brasil de 1974 a 2009.
Fonte: IBGE – Produção da Pecuária Municipal, 2009.

O rebanho ovino brasileiro em 2007 apresentou aumento de 1,4% com relação a 2006 (IBGE, 2008), e do total de 16,239 milhões de animais, 57,2% estão localizados no Nordeste Brasileiro onde prevalece o animal deslanado para produção de carne. Segundo Viana (2008), a ovinocultura no nordeste brasileiro cresceu significativamente nos últimos anos. Os rebanhos começaram a ser explorados economicamente com a introdução de raças especializadas, melhoramento genético e técnicas de manejo que propiciaram a elevação da produtividade.

Este autor comenta ainda, que a ovinocultura passou por transformações desde a década de 1990. O aumento do poder aquisitivo, a abertura do comércio internacional e a estabilidade monetária trouxeram um cenário favorável para o desenvolvimento da atividade, cenário propício para reestruturação da cadeia produtiva ovina.

Nesse ramo da pecuária, o Estado do Rio Grande do Sul desfruta de uma situação privilegiada, pois possui condições climáticas adequadas à produção de lã e carne. Segundo Vieira (1956), é feita em quase todos os países do mundo, mas só alcança verdadeira significância econômica nas regiões de clima temperado e frio, sendo que a sua maioria se encontra nos países situados entre os paralelos de 25° a 40°.

Considerando os Estados da Federação, o Rio Grande do Sul possui maior efetivo de ovinos, mesmo sabendo que nos últimos anos houve um significativo crescimento na região Centro-Oeste (Figura 2). A distribuição de acordo com a região geográfica do Brasil e o contínuo crescimento do número de animais na região nordeste, ultrapassou a região sul em meados da década de 1990, tornando-se o novo centro produtor de ovinos, pode ser observada na figura 2. Entretanto, enquanto a região Nordeste conta com 90% do seu sistema em condições extensivas de criação a região Centro-Oeste, cresce com implementação de tecnologia e raças especializada, tendo em quase 100% de seu sistema de produção, o confinamento.

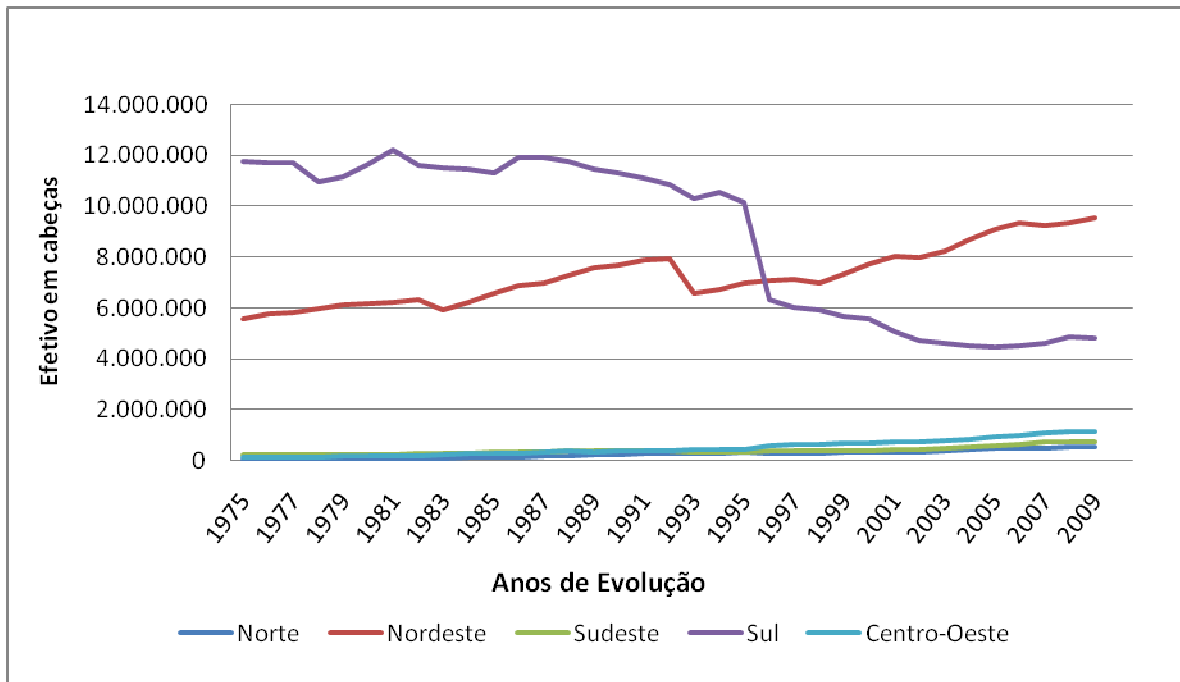


FIGURA 2 – Evolução do rebanho ovino nas Regiões Geográficas do Brasil de 1974 a 2009.
Fonte: IBGE – Produção da Pecuária Municipal, 2009.

O Sul do Brasil por sua vez, sempre foi considerado o estado “laneiro” da Federação com o maior efetivo de raças produtoras de fibra, entretanto com a estagnação do mercado internacional da lã, a produção de carne vem se tornando o principal objetivo da ovinocultura gaúcha nos últimos anos. Segundo Viana (2008), os preços pagos ao produtor elevaram-se na última década, tornando a atividade atraente e rentável. O estímulo para a maior produção de cordeiros resultou no aumento do número de animais abatidos no Brasil.

Na figura 3 pode ser observada a crescente exploração da carne ovina no Brasil e sua importação. O que corrobora com o descrito por Viana (2008), apesar do crescimento da produção de carne nos últimos anos, o Brasil realiza importações de carne ovina para abastecer o mercado consumidor, visto que a oferta de carne ainda é insuficiente. As importações são na maioria de cortes com osso, congelados e resfriados, além de cortes desossados. A carne é destinada aos grandes centros consumidores, regiões sul e sudeste, competindo diretamente em preços com produtos locais.

De 1990 a 2007, a produção de carne ovina brasileira oscilou em torno de 78 mil toneladas (FIGURA 3). Apesar da diminuição de mais de 20% ocorrida no

rebanho nacional e o rebanho ovino das regiões tradicionais de criação é insuficiente para suprir o mercado interno brasileiro.

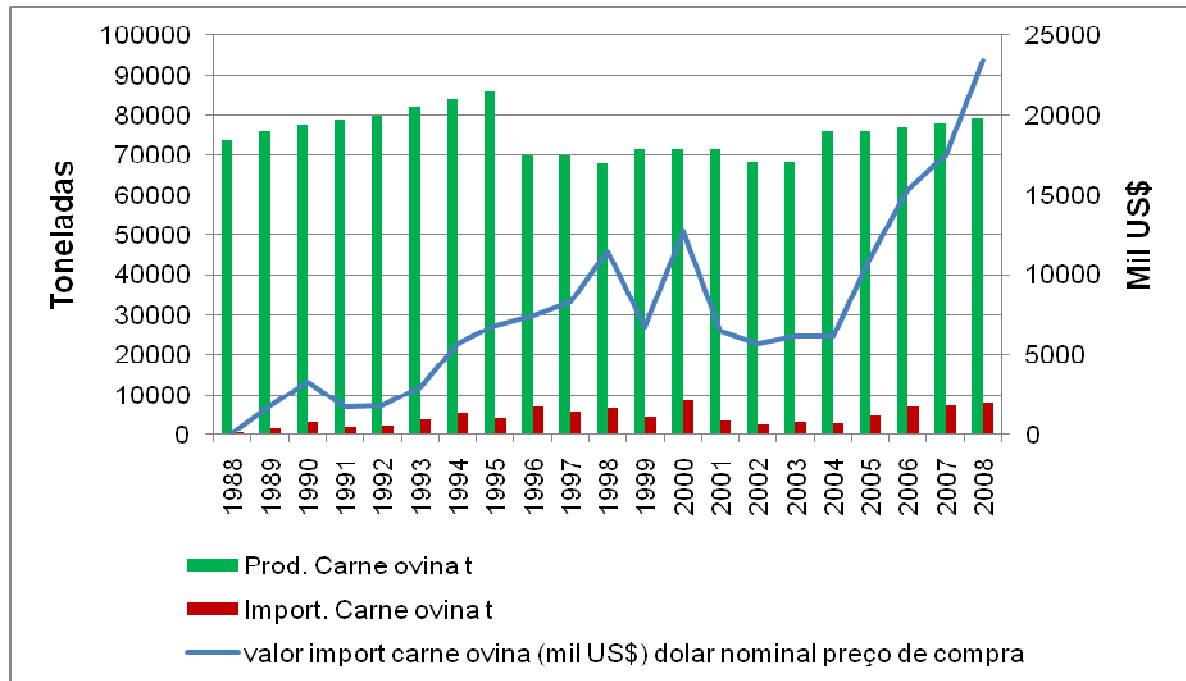


FIGURA 3 – Evolução da produção (T), importação (T) e valor da importação (mil US\$) da carne ovina de 1988 a 2008.

Fonte: Faostat, Tradestat, Banco Central do Brasil (elaboração própria)

Com o passar dos anos a região sudoeste do estado, também chamada de Campanha Gaúcha (FIGURA 4), consolidou-se como a maior área de predomínio de pecuária de corte extensiva do Estado do Rio Grande do Sul que se caracteriza pela vocação pastoril de seus solos e está situada em uma zona de transição climática, a qual dificulta a exploração agrícola. Deste modo, seus recursos naturais são mais adequados para a atividade pecuária, estando à economia alicerçada principalmente na exploração extensiva, que embora sustentável sob o ponto de vista agroecológico, não tem apresentado sustentabilidade econômica, em decorrência do longo ciclo de produção da bovinocultura de corte. Diante deste quadro observa-se crescente empobrecimento da população rural.

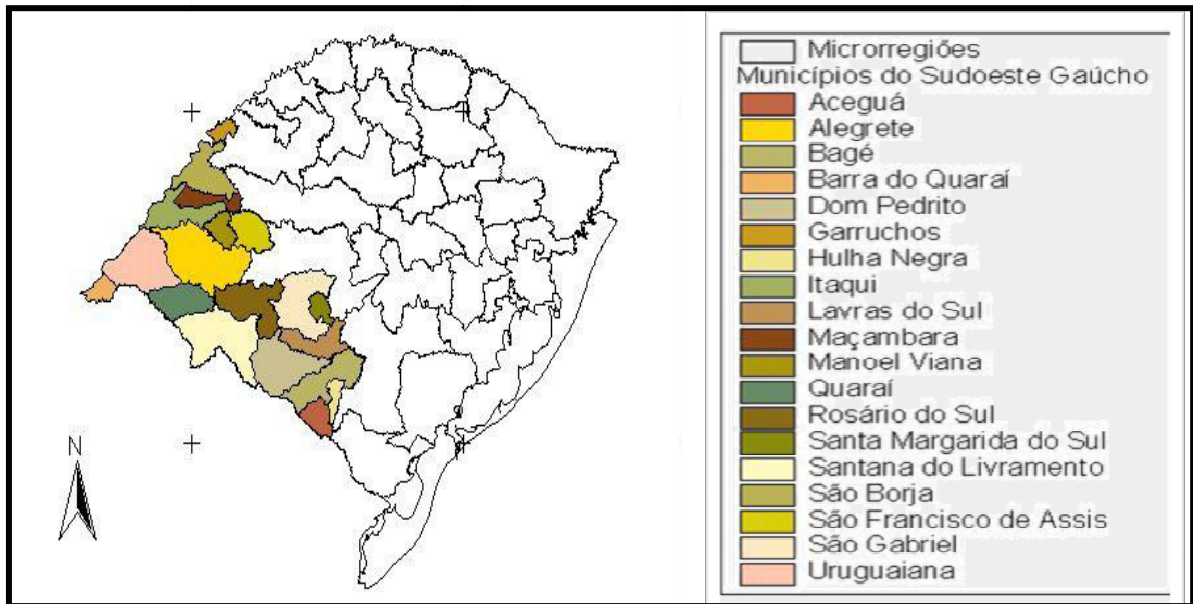


FIGURA 4 - Mapa dos municípios pertencentes à Região Sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul. FONTE: IBGE, 2005.

O Rio Grande do Sul, nas décadas de 80 e 90, passou por mudanças na produção de lã em virtude do consenso entre os países produtores, de que a produção deste produto deveria participar com apenas 4% no mercado de fibras têxteis e que as cotações ficassem em patamares de preço considerado baixo. Isto ocasionou perda de rentabilidade, sendo o motivo que levou muitos produtores a abandonarem a atividade, tendo como consequência a redução drástica do rebanho (COSTA, 2007).

Considerando os municípios da Região Sudoeste do estado, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel, Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul, Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, São Borja, São Francisco de Assis e Uruguaiana observamos os maiores detentores do rebanho ovino gaúcho, como mostra a tabela 1.

Mais precisamente, o município de Dom Pedrito, com aproximadamente 40 mil habitantes, situa-se na região da campanha do Rio Grande do Sul, entre os meridianos 54 e 55 (oeste) sobre o paralelo 31, estando a 141 metros do nível do mar, com latitude de -30,5858 e longitude de 54,4023, ocupando a quarta área territorial entre os municípios gaúchos com a área total de 5.192 Km² (IBGE, 2008), representando 1, 931% do estado do Rio Grande do Sul.

TABELA 1
Municípios com maior rebanho ovino no RS em 2009

<i>Município</i>	<i>Ovinos</i>
<i>Santana do Livramento</i>	401.779
<i>Alegrete</i>	239.778
<i>Quarai</i>	190.744
<i>Uruguaiana</i>	180.407
<i>Dom Pedrito</i>	150.672
<i>Rosário do Sul</i>	149.376
Pinheiro Machado	143.944
<i>Sao Gabriel</i>	136.098
<i>Herval</i>	108.032
<i>Bagé</i>	77.874
<i>Caçapava do Sul</i>	74.559
Jaguarão	73.022
Santiago	72.156
Bossoroca	64.720
<i>Sao Borja</i>	59.634
Pedras Altas	58.881
Santana da Boa Vista	58.289
Piratini	50.842
<i>Itaqui</i>	41.727
Santo Antonio das Missões	39.994
TOTAL	2.372.528

FONTE: SEAPPA, 2009.

Obs.: Os municípios em *itálico* compõem a região da Campanha Gaúcha

O município possui grande potencial agrícola sendo a área de cultivo de soja, arroz e pecuária. A região que ainda carece de propostas e desenvolvimento de sistemas físicos de produção de carne e lã de pequenos ruminantes, como forma de reduzir o ciclo pecuário e integrar uma nova matriz produtiva mais consciente,

visando à geração de renda e a sustentabilidade ambiental. Como um dos municípios detentores dos maiores rebanhos de ovinos do país onde a ovinocultura, destinada à produção de carne, iniciou seu crescimento nos anos 90 a partir da queda internacional do preço da lã, fazendo com que os produtores investissem em animais de dupla aptidão (carne e lã) que se constata dessa maneira a importância da pecuária na economia do município. Muitos produtores desistiram da atividade laneira, influenciados pela baixa rentabilidade das criações após a queda de preços da fibra (Viana, 2008).

Na década de 50, o município possuía um rebanho de 640.000 representando 6,42% do rebanho nacional, e sua densidade de cabeça por hectare de 1,27 (cabeças/ha), e uma produção de lã com 1.472.000 toneladas, representando 2,3% de média *per capita* da produção de lã (VIEIRA, 1956).

Com a produção em pequenos ruminantes despontando nos últimos anos como uma nova fonte de produção e rendimentos para o produtor rural, o conhecimento da real situação dos rebanhos da região da campanha, possibilitaria o desenvolvimento da cadeia produtiva da ovinocultura visando à solidificação das transações comerciais entre produtores, frigoríficos e consumidores.

Nesta estratégia de desenvolvimento da pecuária com qualidade em ganhos e eficiência no processo produtivo, propõe-se o conhecimento mais profundo da realidade das estatísticas desta espécie, tão importante para a agricultura regional.

2.2 OBJETIVOS

- Caracterizar a evolução do rebanho ovino nos municípios que compreendem a Campanha Gaúcha no período de 1991 a 2010.

- Identificar os possíveis fatores que interferiram na evolução do rebanho ovino, dando enfoque ao município de Dom Pedrito.

2.3 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi iniciado em setembro de 2010, com a coleta de informações do Relatório de Produção da Pecuária Municipal de 2008 e dos dados da SEAPPA 2010, dos municípios da Região da Campanha. São eles da *campanha central*: Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel; da *campanha meridional*: Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul, e da *campanha ocidental*: Alegrete, Barra do Quaraí, Garruchos, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, São Borja, São Francisco de Assis e Uruguaiana.

As informações para o trabalho de conclusão para o Curso de Zootecnia da UNIPAMPA/Campus Dom Pedrito, também foram coletadas através de trabalhos científicos, artigos, monografias, livros, sites de pesquisa e entrevistas com profissionais ligados as Unidades Locais da DPA, Secretarias da Agricultura dos Municípios da Região da Campanha e SEAPPA.

Os dados estão apresentados em forma de planilhas e gráficos, dos sistemas de obtenção de informações, SEAPPA e IBGE.

A coleta de dados do IBGE baseia-se num sistema de fontes de informação representativo de cada município, gerenciado pelo agente de coleta que obtém os informes e subsídios para a consolidação dos resultados finais. Os dados são obtidos mediante consulta a entidades públicas e privada, técnicos e órgãos ligados direta ou indiretamente à produção, comercialização, industrialização, fiscalização, fomento e assistência técnica à agropecuária.

Para o IBGE a unidade de investigação da Pesquisa da Pecuária Municipal é o município e o efetivo dos rebanhos.

Já a metodologia utilizada pela SEAPPA, baseia-se que todos os produtores gaúchos devem estar cadastrados junto a unidades locais do Departamento de produção Animal (DPA) da SEAPPA. Neste cadastro estão contidos dados sobre o proprietário e a propriedade, com informações específicas sobre a quantidade de animais sob a responsabilidade do produtor. Este cadastro é atualizado a cada movimentação animal e uma vez ao ano, na declaração anual do rebanho.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população ovina no Brasil se distribuía no ano de 2008 e 2009, conforme ultimo senso agropecuário realizado pelo IBGE, conforme descrito na figura 5. Este dado, associado à Figura 2, demonstra que a ovinocultura no nordeste brasileiro cresceu significativamente nos últimos anos, uma vez que os rebanhos começaram a ser explorados economicamente com a introdução de raças especializadas, melhoramento genético e técnicas de manejo que propiciaram a elevação da produtividade.

Outro aspecto interessante, é que algumas regiões vêm tomando espaço no cenário da ovinocultura, não somente pelo crescimento, mas principalmente pelo potencial que possuem para a atividade, como é o caso do Sudeste e Centro Oeste, com destaque para o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No entanto o Nordeste hoje detém o maior rebanho, com mais de 9 milhões de cabeças, seguido pela região sul, com 4,8 milhões.

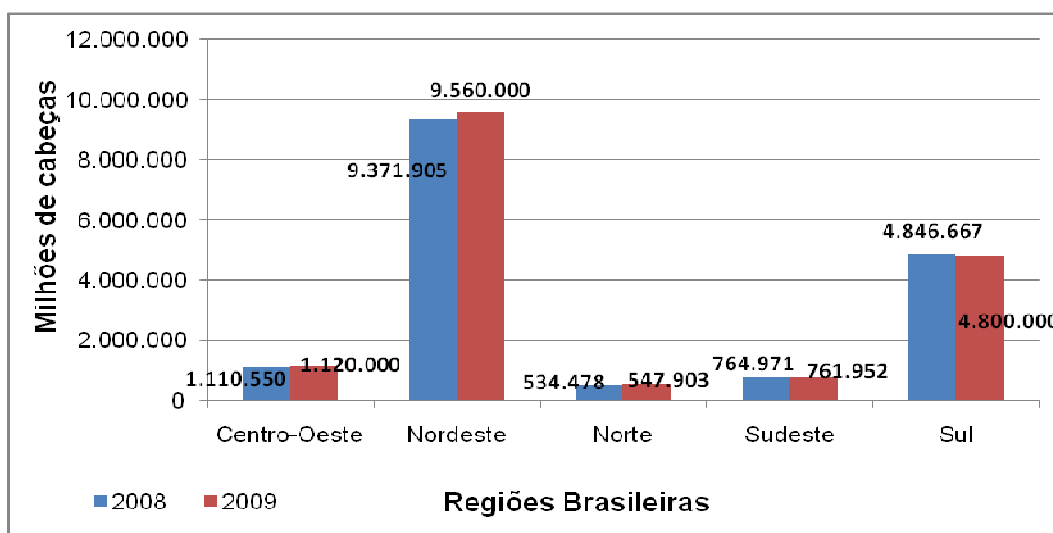


FIGURA 5 – Efetivo do rebanho ovino nas Regiões Brasileiras – 2008 e 2009

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal, 2008 e 2009.

Segundo IBGE (2009) a região Nordeste possui 56,9% do rebanho nacional, seguida do Sul (28,6%), Centro-Oeste (6,71%), Sudeste (4,53%) e Norte (3,26%). O

Rio Grande do Sul se manteve na liderança e totalizou 3,94 milhões de cabeças, queda de 1,59% frente a 2008. A Bahia manteve o segundo lugar no ranking, com um efetivo de 3,02 milhões de cabeças e crescimento de 0,25% frente a 2008. A terceira posição foi ocupada pelo Ceará, com 2,07 milhões de cabeças, crescimento de 1,98% comparado ao ano anterior. Pernambuco apresentou um crescimento de 10%, totalizando 1,48 milhões de cabeças e ocupando o quarto lugar.

Dos 20 municípios que possuem o maior efetivo ovino no país em 2008 e 2009, nove estão situados na campanha gaúcha, Santana do Livramento, Alegrete, Dom Pedrito, Uruguaiana, Quaraí, São Gabriel, Rosário do Sul, Lavras do Sul e Bagé (TABELA 2), apresentado nesta região um efetivo de 53% do rebanho do estado e de 11,37% (1.846.864 cabeças) do rebanho brasileiro em 2008. Este dado demonstrando a concentração da população em uma área com vocação pastoril e potencialidade para produção ovina.

Entretanto, no RS, segundo levantamento pecuário 2009 realizado pelo Departamento de Produção Animal (DPA/SEAPPA) o rebanho atingiu, somente, um efetivo de 3.439.103 de animais (FIGURA 6). Já pelo IBGE, no ano de 2009, o efetivo o rebanho somou 3,94 milhões de cabeças. Uma diferença considerável, que provavelmente se deve as diferentes metodologias adotadas por ambas as agências.

Enquanto o IBGE baseia-se na coleta de dados num sistema de fontes de informação representativo de cada município, a SEAPPA baseia-se nas informações que os produtores gaúchos disponibilizam às unidades locais do Departamento de Produção Animal (DPA) da SEAPPA. Desta forma os dados da SEPPA podem ser considerados mais realistas, uma vez que a metodologia da coleta capta os dados diretamente do produtor rural, desta forma se supõe que tenha mais fidedignidade, frente a real da situação atual da ovinocultura do estado.

Entretanto, segundo Santos e Azambuja (2010), ao realizar uma análise dos dados publicados pela SEAPPA, não se pode estimar a taxa de natalidade do rebanho ovino gaúcho, uma vez que a declaração anual de rebanho é realizada apenas uma vez ao ano, de janeiro a abril. Devido a esse fato, muitos cordeiros são abatidos antes mesmo de serem declarados pelo produtor rural, o que não permite que se estime a real situação do rebanho. Sendo assim, um levantamento que englobasse os animais nascidos e vendidos na propriedade, não somente os

existentes, o RS contaria com um efetivo mais significativo e, conseqüentemente, a Campanha Gaúcha como uma das maiores regiões produtoras de ovinos do Estado.

TABELA 2

Vinte municípios com o maior efetivo ovino no Brasil em 2008

Município	Efetivos Ovinos 2008	Município	Efetivos Ovinos 2009
Santana do Livramento - RS	431.154	Santana do Livramento - RS	401.779
Alegrete – RS	253.688	Alegrete – RS	239.778
Dom Pedrito – RS	197.251	Casa Nova – BA	225.832
Uruguaiana – RS	190.362	Quarai - RS	190.744
Quaraí – RS	185.000	Uruguaiana – RS	180.407
São Gabriel – RS	183.011	Lavras do Sul - RS	150.864
Rosário do Sul – RS	152.128	Dom Pedrito –RS	150.672
Lavras do Sul – RS	146.045	Rosário do Sul - RS	149.376
Pinheiro Machado – RS	141.967	Pinheiro Machado – RS	146.793
Tauá – CE	136.000	Tauá – CE	137.360
Casa Nova – BA	130.870	São Gabriel –RS	136.098
Juazeiro – BA	126.787	Juazeiro – BA	127.888
Herval – RS	117.782	Herval – RS	118.260
Ipirá – BA	114.148	Bagé - RS	109.523
Piratini – RS	110.946	Uauá – BA	107.600
Bagé – RS	108.225	Piratini – RS	105.398
Uauá – BA	106.600	Monte Santo – BA	102.700
Monte Santo – BA	101.500	Ipirá – BA	102.006
Independência – CE	98.420	Independência – CE	99.404
Remanso – BA	95.185	Sertânia - PE	96.000

Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal 2008 e 2009.

Estas estimativas, que colocam em dúvida a verdadeira situação do rebanho ovino gaúcho e, também brasileiro, colocam as metodologias adotadas por Institutos de Pesquisa, especialmente o IBGE, sob questionamento, o que dificulta que empreendedores, empresários e produtores rurais invistam com confiança no setor, uma vez que não conhecem a verdadeira situação da ovinocultura brasileira.

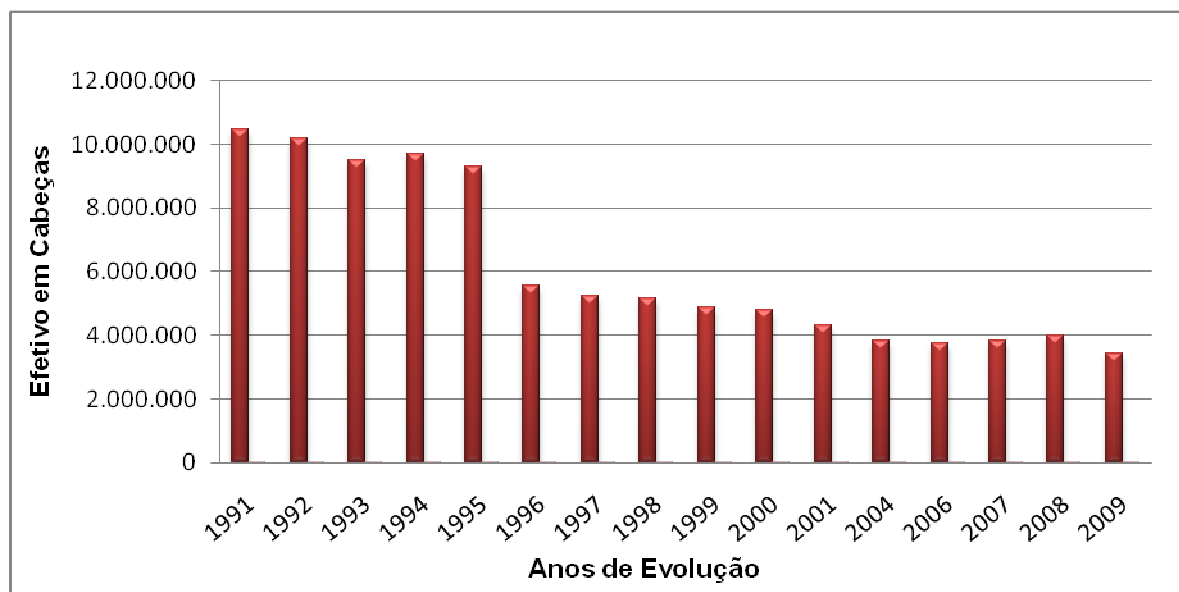


FIGURA 6 – Efetivo do rebanho ovino no Rio Grande do Sul de 1991 a 2009.

Fonte: 1991 – 2008 - IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Fonte: 2009 – SEAPPA – Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento.

Como observado anteriormente na tabela 2, na campanha gaúcha, é onde se encontram mais da metade dos ovinos do estado em 2009, 53% dos animais, isto coincide com os dados da década de 70, período anterior a crise mundial da ovinocultura. Esta população numerosa se deve ao fato de sua potencialidade para criação e favorecimento da região devido às condições benéficas de clima e solo (SANTOS, 2009), e apesar de possuir pequena escala de produção, segundo Calvete e Villwock (2007) a produção sazonal é compensada por excelente liquidez, qualidade do produto, relativa rentabilidade e excelente genética.

A diminuição do efetivo do rebanho nos últimos anos, observada em todos os municípios da região da Campanha (tabela 3), também foi marcante em Dom Pedrito, que de 1998 a 2010, apresentou uma flutuação negativa significativa.

TABELA 3
Efetivo do rebanho ovino nos municípios da Campanha Gaúcha, de 1998 – 2010

Município	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Rosário do Sul	177.508	159.148	136.021	148.361	115.115	118.184	140.053	125.494	119.219	162.699	152.128	149.376	148.094
Santa Margarida do Sul	.	.	.	27.381	21.461	27.881	29.119	28.990	27.540	30.559	24.996	23.234	20.123
Santana do Livramento	540.956	481.902	478.442	480.000	408.500	351.909	398.589	381.991	411.872	419.723	431.154	401.779	405.898
São Gabriel	223.518	204.683	223.518	150.450	146.939	170.966	154.906	153.217	144.024	160.649	183.011	136.098	133.682
Aceguá	.	.	.	39.825	42.198	44.962	46.905	48.012	49.145	49.295	51.889	37.098	30.488
Bagé	256.115	204.183	220.153	87.483	93.914	99.853	104.172	103.907	103.643	103.784	108.225	77.874	94.788
<i>Dom Pedrito</i>	<i>214.989</i>	<i>189.260</i>	<i>181.690</i>	<i>180.206</i>	<i>174.171</i>	<i>162.858</i>	<i>139.437</i>	<i>177.522</i>	<i>166.870</i>	<i>151.910</i>	<i>197.251</i>	<i>150.672</i>	<i>147.859</i>
Hulha Negra	39.245	39.786	41.686	13.665	14.394	15.306	15.803	16.529	16.632	16.652	17.193	16.102	12.182
Lavras do Sul	106.670	103.072	110.649	114.999	124.386	133.626	139.407	143.847	144.732	144.785	146.045	24.410	51.686
Alegrete	331.350	336.105	334.620	290.784	262.455	259.189	255.570	248.990	255.129	242.068	253.688	239.778	228.024
Barra do Quaraí	28.500	28.000	26.700	23.496	20.930	22.856	24.685	17.957	22.706	21.897	21.486	22.375	16.440
Garruchos	14.050	13.769	14.450	11.650	6.934	6.860	6.934	7.210	7.130	8.356	8.298	7.908	8.334
Itaqui	63.500	65.820	62.100	52.412	44.626	48.696	51.617	34.165	38.108	36.570	39.738	41.727	36.302
Maçambará	31.684	30.200	28.700	23.460	20.175	22.104	23.430	15.900	20.772	19.824	19.990	22.419	19.829
Manoel Viana	24.554	25.280	24.496	19.866	17.403	18.795	19.233	18.970	18.510	17.060	17.547	18.839	17.664
Quaraí	220.830	222.388	213.519	205.618	188.259	186.481	167.910	166.653	173.911	174.650	185.000	190.744	174.254
São Borja	78.450	82.575	85.400	75.428	61.794	67.781	72.186	70.874	65.393	61.822	56.776	59.634	46.983
São Francisco de Assis	41.520	41.780	42.330	35.218	28.374	25.594	23.089	21.256	22.249	24.199	29.430	20.015	25.349
Uruguaiana	305.840	276.975	290.824	238.470	209.922	230.453	238.519	170.159	184.100	173.048	190.362	180.407	179.582
TOTAL	2.699.279	2.504.926	2.515.298	2.218.772	2.001.950	2.014.354	2.051.564	1.951.643	1.991.685	2.019.550	2.134.207	1.820.489	1.797.561

Fonte: 1999 – 2008 - IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

Fonte: 2009 – Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento – SEAPPA

Fonte: 2010 – Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento – SEAPPA - Dados parciais.

Se considerarmos as décadas anteriores a crise mundial da ovinocultura, iniciando a análise em 1953 até 2010, figuramos a queda de população de um dos maiores produtores ovinos da região da campanha (figura 7).

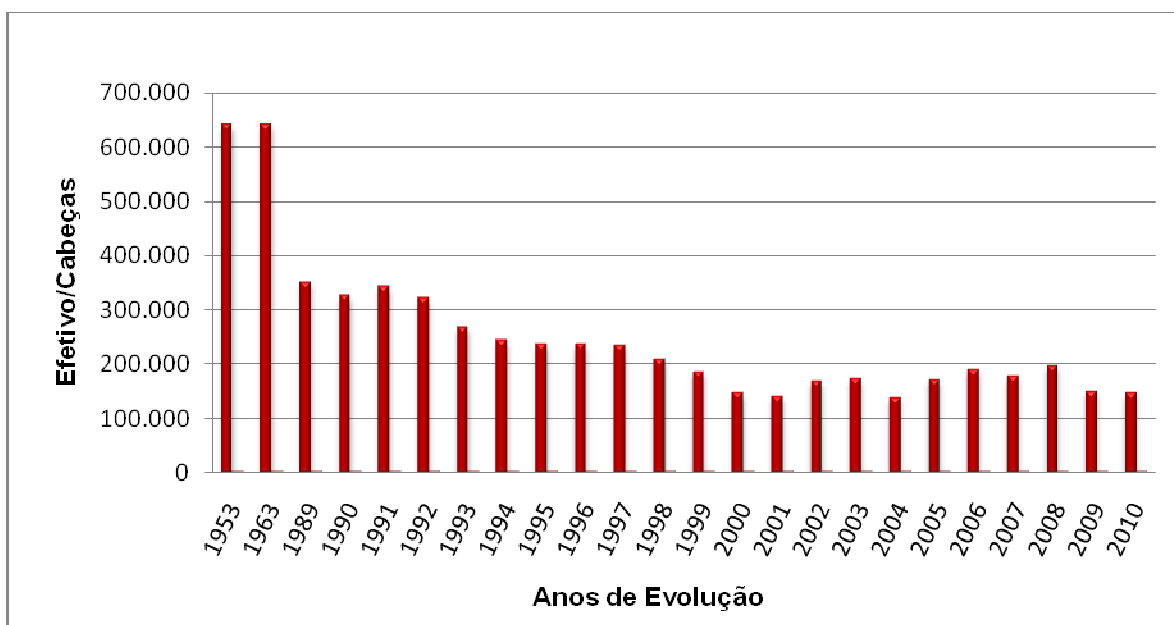


FIGURA 7 – Evolução do Rebanho Ovino no Município de Dom Pedrito – 1953 a 2010.

Fonte: 1953 – Nunes Vieira, 1956 – Criação de Ovinos, 2º Ed.

Fonte: 1963 – Nunes Vieira, 1967 – Criação de Ovinos, 2º Ed

Fonte: 1989 a 2008 – Inspetoria Veterinária e Zootécnica do Município de Dom Pedrito, 2009.

Fonte: 2009 e 2010 – SEAPPA – Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Abastecimento, 2010.

Esta diminuição pode ser explicada, pois além da crise da década de 80 e 90, o produtor se depara com dificuldades que incluem desde a falta de mão-de-obra qualificada, aperfeiçoamento de métodos até então não mudados por questões culturais da região, não deixando que técnicas já explicadas por autores na década de 50-60 não fossem aplicadas corretamente nas propriedades rurais.

Dom Pedrito, segundo IBGE (2008), está entre os 10 maiores rebanhos ovinos do país, mostrando que possui considerável potencial para garantir produtividade, havendo necessidade, entretanto de estruturação do produtor rural no intuito de qualificar com isso a ovinocultura. É necessário que ovinocultura, torne a ser vista como uma opção de investimentos no campo com bons resultados econômicos a partir de que, a coordenação da cadeia destinada à produção de carne ovina, tenha interações lógicas e desejáveis entre os principais elos, ou seja,

indústria de insumos, produção agropecuária, abate/beneficiamento e sistema de distribuição (atacado e varejo).

Outro ponto importante, e que deve ser considerado na queda da população ovina do Rio Grande do Sul, mais precisamente na região da Campanha Gaúcha, é a mortalidade de cordeiros logo após o nascimento ou ainda nas primeiras semanas de vida. Esta perda gira em torno de 5% dos animais e pode-se estimar que cerca de 172 mil (5% de 3.439.103 levantados pela SEAPPA em 2009) ovinos morrem anualmente no RS devido a doenças, predadores e abigeato. Tal informalidade, segundo Santos e Azambuja (2010), além de trazer prejuízos econômicos ao Estado é um grave problema de saúde pública.

A redução do efetivo populacional na Região Sul, foi ocasionada, principalmente, pela redução da ovinocultura de lã. Este derivado, que é um produto típico do estado, já teve alta importância econômica e seu preço, no mercado internacional acarretou um aumento crescente da agricultura nas últimas décadas o que provocou um declínio da população ovina, em algumas áreas tradicionais de criação. Em decorrência disto, houve uma modificação significativa na estrutura dos rebanhos comerciais.

Em 2008 a produção de lã brasileira era de 11.642 T, assim distribuída por Regiões: Sul: 11.449 T, Sudeste: 88 T e Centro Oeste: 104 T. Nas Regiões Norte e Nordeste, praticamente, inexistem a produção de lã. Em 2009, segundo IBGE (2009), foram tosquiados no Brasil 3,86 milhões de ovinos, apresentado uma redução de 1,87% em relação ao ano de 2008, resultando na produção de 11,39 mil toneladas, - 2,12% quando comparada a produção de 2008 e o Rio Grande do Sul detém 97,5% do rebanho brasileiro para produção de lã.

De uma maneira geral, a carne ovina, explorada em base a sistemas extensivos de produção (sob campo nativo), é de qualidade insatisfatória, porém, já existem produtores especializados na produção de carne de qualidade dirigidos a nichos de mercados exigentes.

O Brasil, hoje ainda, possui baixa competitividade no mercado internacional, além de apresentar dificuldades para suprir a atual demanda interna sem recorrer a contínuas importações. Esta situação é evidenciada pela baixa qualidade da carne produzida, pelos altos custos e pela baixa escala de produção, pela assistência técnica e gerencial deficientes, elevados custos de transporte, regulamentação excessiva e obsoleta, assim como pelas altas taxas de juros (NOGUEIRA FILHO et

al., 2004 apud CALVETE e VILLWOCK, 2007), o que desestrutura mais severamente a cadeia, impedindo que a mesma cresça consolidada.

Entretanto, dada a adaptabilidade dos ovinos lanados aos diversos ecossistemas da Região Sul e considerando-se a representatividade desses no Rio Grande do Sul, seu desenvolvimento nos sistemas de criação predominantes nesses ecossistemas, evidenciando tecnologias e/ou conhecimentos para o aumento de produção e produtividade, objetivando a melhoria dos sistemas como um todo e com foco no incremento de produção das carcaças e melhoria da qualidade de carne ovina no sul do estado do Rio Grande do Sul, Região da Campanha, pode ser o primeiro ponto de alavanca na ovinocultura gaúcha.

A regularidade na oferta do produto, a produção formal e os padrões de segurança alimentar só serão cumpridos a partir do momento que a cadeia produtiva ovina tiver uma coordenação e um equilíbrio na participação de seus agentes.

Algumas ferramentas estruturais vêm sendo utilizadas em empresas e estudos de cadeias produtivas, e uma delas é a análise de SWOT. O termo **SWOT** é uma sigla oriunda do idioma inglês, e é um acrônimo de Forças (**S**trengths), Fraquezas (**W**eaknesses), Oportunidades (**O**pportunities) e Ameaças (**T**hreats), que pode ser utilizada para definir estratégias futuras a serem aplicadas na ovinocultura.

Analisando a figura 8, podemos fazer algumas considerações de como as forças e as fraquezas se relacionam a fatores internos fazendo parte do presente e, as oportunidades e ameaças como um ambiente externo mostrando possíveis diagnósticos do que poderá acontecer.

Aplicado no setor da ovinocultura (figura 9), podemos observar que os pontos fracos se encaixam o abate informal, pouca integração entre os produtores, ausência de marketing, sazonalidade na oferta de produtos, falta de mão de obra qualificada, pouca união entre os elos da cadeia, falta de qualidade e padronização dos produtos comercializados. Quanto às ameaças, englobaríamos o custo de produção mais competitivo em outros países produtores, como no Uruguai, bem próximo da realidade do Estado, hábito alimentar, as importações, abigeato e ataque de predadores.

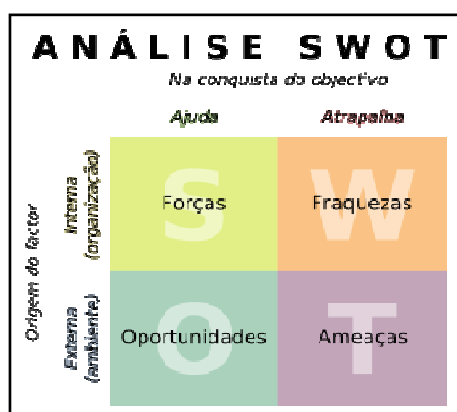


FIGURA 8 - Diagrama de SWOT

FONTE: Rodrigues e Oliveira, 2010

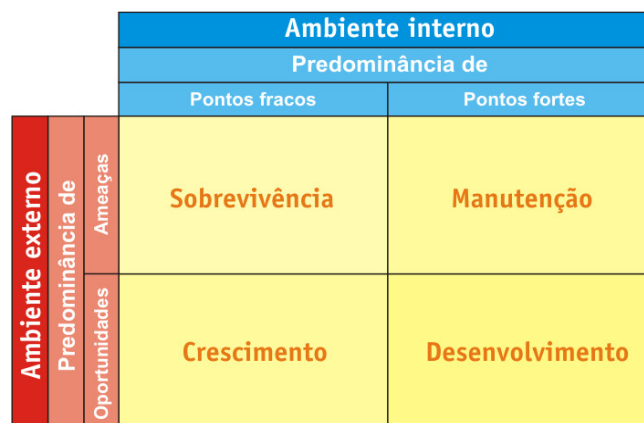


FIGURA 9 – Análise de SWOT

FONTE: Bicho e Baptista, 2006.

Os pontos fortes podem ser relacionados à genética de qualidade que temos disponíveis, possibilidade de integração do setor, pesquisas de aplicabilidade na ovinocultura, a tradição da cultura ovina no estado do Rio Grande do Sul, e como oportunidades uma maior aceitabilidade do produto, um aumento no consumo da carne ovina, busca por produtos com procedência e qualidade, um mercado com possibilidades de expansão nacional e internacional².

Os produtores e a cadeia num todo precisam tirar o máximo proveito dos pontos fortes para minimizar os efeitos das ameaças detectadas, desenvolvendo estratégias para minimizar ou ultrapassar os pontos fracos e, tanto quanto possível, fazer face às ameaças.

² Comunicação pessoal: Médica Veterinária Adriana Veríssimo, do Frigorífico Marfrig, explicando que a planta do Frigorífico em Alegrete, está sendo adaptada para exportação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma inequívoca redução do rebanho ovino da região da Campanha Gaúcha, no período compreendido entre 1998 e 2010, mais precisamente no município de Dom Pedrito o rebanho ovino foi reduzido em aproximadamente 25%. Entretanto observam-se discrepâncias entre os dados fornecidos pelo IBGE e pela SEAPPA, tornando impossível estimar a verdadeira situação do rebanho da região.

Para solução de tal problema, propõe-se uma investigação com os dados levantados pelas Inspetorias Veterinárias e Zootécnicas, que possuem dados de natalidade e mortalidade dos rebanhos de sua região.

Como possíveis causas da queda do efetivo do rebanho ovino na região, pode-se destacar a falta de estruturação da cadeia produtiva da ovinocultura, a crise da ovinocultura no início da década de 90 e o aumento das áreas agricultáveis para implantação de lavouras. Esta redução do rebanho na região atingiu o efetivo brasileiro de cabeças, uma vez que a queda de 4.000.000 de cabeças do efetivo nacional está diretamente relacionada a diminuição do efetivo do Rio Grande do Sul. Entretanto, é necessário buscar mais informações a respeito da efetividade de produção destes rebanhos e averiguar se mesmo em franca queda a produtividade dentro da empresa rural, ocasionalmente, não cresceu.

Para alcançar, novamente, os anos de ouro da ovinocultura gaúcha, principalmente nos diferentes municípios da Região da Campanha, e visando subsidiar as tomadas de decisão dos agentes para o desenvolvimento da atividade, é imprescindível a capacitação de multiplicadores, técnicos e produtores, visando estabelecer redes locais de apoio que promovam o intercâmbio entre os elos da cadeia ovina.

Dentro do artifício da busca pela estruturação da cadeia, é importante o envolvimento da sociedade, bem como dos órgãos institucionais de apoio públicos e privados, organizações não governamentais, produtores e empreendedores para o desenvolvimento da cadeia produtiva da ovinocultura da região da campanha no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ARCO, 2010. <http://www.arcoovinos.com.br/noticias.asp?codi=844&tipo=N>. Acesso em 12-11-2010.

BICHO, L.; BAPTISTA, S. **Modelo de Porter e Análise SWOT. Estratégias de negócio. O QUE É.** Instituto Politécnico de Coimbra, Departamento de Engenharia Civil, 2006.

CALVETE, R.; VILLWOCK, L. H. Perfil da ovinocultura de lã e carne do rio grande do sul e seus desafios para o futuro. In: XIV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL. 2007, Londrina. **Anais...** Londrina:SOBER, 2007. p.1 -21.

COSTA, Nívia Guimarães. **A cadeia produtiva de carne ovina no Brasil rumo às novas formas de organização da produção.** Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, 2007.

RODRIGUES, R. M. C; OLIVEIRA, M. P. Análise da ovinocultura brasileira: oportunidades e ameaças. FARMPOINT – Ovinos e caprinos, Campinas, Jul. 2010. Coluna Editorial. Disponível em: http://www.farmpoint.com.br/analise-da-ovinocultura-brasileira-oportunidades-e-ameacas_noticia_64147_1_5.aspx. Acesso em 12 nov. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 11 de out. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção da Pecuária Municipal: 2009.** Rio de Janeiro, 2010. v. 37.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção da Pecuária Municipal: 2008.** Rio de Janeiro, 2009. v. 36.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção da Pecuária Municipal: 2007.** Rio de Janeiro, 2008. v. 35.

SANTOS, D. V.; AZAMBUJA, R. M.; VIDOR, A. C.. **Dados Populacionais do Rebanho Ovino Gaúcho.** Nov. 2009. Disponível em http://www.saa.rs.gov.br/admin/docs_serv/1260811054Dados_populacionais_do_rebanho_ovino_gaucha.pdf. Acesso em 25 jan. 2010.

SANTOS, D. V.; AZAMBUJA, R. M.; **Potencialidade de ovinos para abate no Rio Grande do Sul,** Informativo Técnico DPA, N° 01/Ano 01 – abril de 2010.

SIQUEIRA, E. R. **Nordeste abre a porteira para cabras e carneiros.** Revista Alimentação Animal, Botucatu, n.18, abr./jun. 2000.

UCHA, D. Consumo de carne ovina em crescimento. JORNAL DO COMERCIO, Porto Alegre, Nov. 2010. Coluna Painel Eletrônico. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=18216>. Acesso em 29 nov. 2010.

VIEIRA, G. V. N. **Criação de Ovino**; 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

VIANA, J. G. A.; **Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil**, Revista Ovinos, Ano 4, N° 12, Porto Alegre, Março de 2008.